



Rosângela Miranda Cherem

Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC

Quatro Ponderações Sobre A Paisagem

Como fenômeno pictórico, a paisagem foi se autonomizando das cenas e dos retratos até ganhar destaque como registro de viajantes e de percepções sobre o sublime e o pitoresco. Ao longo deste percurso, aquilo que se via num quadro como fundo de uma janela ou cenário mais distante, foi adquirindo mais foco e definição. Como fenômeno estético, a paisagem parece ter se tornado uma espécie de palco, podendo sua artificialidade passar despercebida, quer numa estação de esqui em Dubai, numa praia às margens do Senna ou num jardim com palmeiras de plástico em algum shopping. Porém, se ainda hoje os artistas se interessam por este assunto e temática, cabe perguntar: o que é uma paisagem e como é possível reconhecê-la? Haveria algum elo capaz de aproximar os possíveis entendimentos e definições sobre o que vem a ser uma paisagem? Quatro ponderações permitem ampliar este raciocínio.

I. A paisagem como proximidade empática: em *A metamorfose das plantas* Goethe perguntou: sendo as plantas tão variadas em tamanhos, cores e outras características, o que faz da planta uma planta? A pergunta parece apropriada para pensar o que define uma paisagem e como reconhecê-la em suas variedades e metamorfoses. Em *Doutrina da semelhança* Benjamin refletiu sobre o princípio da proximidade empática, onde as similitudes são produzidas, embora mantendo o inexplicável salto em que algo pré-existente parece escapar. II. A paisagem como heterotopia: em *Outros Espaços*, Foucault ponderou que as heterotopias configuram-se como um lugar real para onde incidem certas projeções, em que ao mesmo tempo se está e não está. III. A paisagem como Arcadia: diferentemente das utopias como lugar maravilhoso e liso, tal como Cocalha e Eldorado, a Arcádia é um lugar que pertence aos registros mitológicos, mas pode ser localizada num mapa. Simon Schama reflete que este espaço permanece como imagem de um lugar constantemente resignificado por artistas, sobrevivendo até a atualidade. IV. A paisagem como simulacro: testemunhamos um tempo em que o computador pode recriar Tróia, Roma ou Macedônia com perfeição hiper-real. Em *Vida e Morte da Imagem* Régis Debray reflete sobre a pós-paisagem e em *A Arte da Desaparição* Baudrillard aborda o simulacro como realidade imperante em que a imagem se encontra irreparavelmente distante do referente. Porém, não seria este o ponto que liga a percepção da paisagem contemporânea à outra mais remota, como fenômeno que ocorre primeiro in visu e depois in situ?